

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA**

**JONAS LEANDRO MOREIRA DIEGO**

**Pastoral Escolar como expressão do cuidado com ênfase na Ética da  
Alteridade**

**Rio de Janeiro**

**2023**

JONAS LEANDRO MOREIRA DIEGO

**Pastoral Escolar como expressão do cuidado com ênfase na Ética da  
Alteridade**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Especialista pelo  
Curso de Educação Jesuítica:  
Aprendizagem Integral, Sujeito e  
Contemporaneidade da Universidade do  
Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador: Prof. Dr Laércio Antônio Pilz

Rio de Janeiro

2023

Dedico este trabalho aos muitos rostos que se apresentam na minha história revelando a transcendência infinita e, sobretudo a experiência fundante do amor. Entre estes rostos, meus pais, João e Idenir, minha esposa e filhas, Shirlei, Vitória e Nathália e demais familiares e amigos que deixam rastro de esperança e ternura em minha existência.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, este Outro, cujo rosto me revela tanta bondade.

Agradeço aos meus pais, melhores educadores que a vida me concedeu.

Agradeço a minha esposa e as minhas filhas, pela ternura e pela compreensão diante de minhas correrias.

Agradeço aos meus companheiros e companheiras de missão no Colégio Santo Inácio, sobretudo, Beth Bastos, um amor de pessoa, fabulosa em nosso acompanhamento na especialização; Andréa Salomão e Salvador Bruno, que embarcaram comigo nesta aventura fascinante da pós.

Agradeço ao muito querido, prof. Dr. Laércio Pilz, cuja orientação sempre se revestiu de profunda alegria e verdadeiro aprendizado, fazendo dos momentos, encontros que aumentaram a potência do existir.

Agradeço aos muitos rostos que passam pela minha vida, interpelando-me à responsabilização pelos demais.

## RESUMO

O presente trabalho se debruçou sobre o serviço de Pastoral Escolar desenvolvido no segmento Noturno do Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro com o objetivo de verificar sua incidência na comunidade educativa como expressão de cuidado pessoal e comunitário na perspectiva da ética da alteridade, sobretudo, sob a ótica de Emmanuel Levinas, filósofo francês, nascido na Lituânia. Buscamos compreender o nascedouro desta característica do olhar cuidadoso e atencioso que emana do desenvolvimento das ações do trabalho pastoral, a partir dos referenciais que demonstram a força impulsionadora de todo o fazer pedagógico das escolas da Companhia de Jesus, os Exercícios Espirituais. A partir da reflexão sobre algumas das minhas experiências no exercício laboral das atividades pastoralistas, analisamos o desdobramento da ética da alteridade que perpassa e se nota caracterizada pelo modo de proceder na consecução dos projetos. A visita a alguns elementos de fundamentação teórica que sustentam a idéia da alteridade e sua relevância para a construção de novos modelos de vida social, enriqueceram parte desta pesquisa. A reafirmação de que o apostolado educativo que desenvolvemos nos colégios jesuítas, se alinha ao modo da alteridade com seu apelo ético que exige uma responsabilização pelo outro, reforçaram nossa expectativa de que o êxito da educação que desejamos oferecer passa pela compreensão, abertura, acolhida e afetação que brotam da cultura do encontro, esta capaz de, potencialmente, produzir contextos sociais com mais justiça e fraternidade.

**Palavras-chaves:** pastoral, cuidado, ética da alteridade.

## **ABSTRACT**

This work focused on the School Pastoral service developed in the Evening segment of Colégio Santo Inácio in Rio de Janeiro with the aim of verifying its impact on the educational community as an expression of personal and community care from the perspective of the ethics of otherness, above all, under the perspective of Emmanuel Levinas, French philosopher. We seek to understand the origin of this characteristic of the careful and attentive look that emanates from the development of pastoral work actions, based on the references that demonstrate the driving force of all pedagogical work in the schools of the Society of Jesus, the Spiritual Exercises. From reflection on some of my experiences in the work of pastoralist activities, we analyzed the unfolding of the ethics of otherness that permeates and is characterized by the way of proceeding in the achievement of projects. The visit to some theoretical elements that support the idea of otherness and its relevance for the construction of new models of social life, enriched part of this research. The reaffirmation that the educational apostolate that we develop in Jesuit schools aligns with the mode of otherness with its ethical appeal that demands responsibility for the other, reinforced our expectation that the success of the education we wish to offer involves understanding, openness, acceptance and affection that arise from the culture of encounter, which is capable of potentially producing social contexts with more justice and fraternity.

**Keywords:** .pastoral, care, ethics of otherness.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 PARA INÍCIO DE CONVERSA .....</b>	<b>8</b>
<b>3 O TRABALHO NA PASTORAL.....</b>	<b>10</b>
<b>4 ÉTICA DA ALTERIDADE .....</b>	<b>17</b>
<b>5 ÉTICA DA ALTERIDADE NO SERVIÇO PASTORAL .....</b>	<b>20</b>
<b>6 EVANGELIZAÇÃO, EDUCAÇÃO E AFETAÇÕES .....</b>	<b>23</b>
<b>7 PASTORAL, CIDADANIA PLANETÁRIA E JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL .....</b>	<b>27</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>9 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>33</b>

## 1 Introdução

Vila Kostka, mais conhecida, atualmente, como Mosteiro de Itaici, cidade de Indaiatuba-SP, ano 2017. Participando de um retiro dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, deparei-me com uma frase proferida pelo padre orientador que me fez experimentar aquela típica sensação de ter encontrado uma pérola para a vida, algo que se transformou em um mantra para situar e ressituar-me na perspectiva de uma crença pessoal fundante. Disse o presbítero: *“Deus não nos dá trabalhos, cargos ou funções; Ele nos entrega pessoas para que cuidemos delas.”* Para alguém que há exatos 24 anos estava no mercado de trabalho, lidando na labuta cotidiana com tantas pessoas, esta sentença imprimiu muito significado a tudo que entendia sobre relações interpessoais que configuram a vida em sociedade. Sem contar os 27 anos engajado em atividades de cunho pastoral nas comunidades eclesiais, obras e grupos da Igreja. Tudo isto me levou ao exercício de fazer memória (termo muito utilizado nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio) e memória agradecida por tantos rostos, com identidade, nome, sobrenome e histórias que teceram e, ainda tecem, esta rede colorida da grande história da minha vida, que passaram e passam, traduzindo o que podemos chamar de marcas do cuidado afetivo e efetivo. Como indicado na poesia de Cris Pizzimenti: *“Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior. Em cada retalho, uma vida, uma lição, um caminho, uma saudade”*.

Estas experiências de vida, potencializadas na última década em razão do trabalho na educação, sobretudo na dimensão da Pastoral Escolar, me interpelam a uma reflexão mais aprofundada sobre o cuidado e seu modo concreto de expressão. E falar de cuidado é falar de pessoas, é narrar e contar sobre encontros, onde o eu e outro, nós e os outros nos entrelaçamos numa construção permeada de afetos e experiências. *“Quando interiorizo o cuidado com o outro, ao ponto de que minha vida depende dele/ dela, então, sim, posso ser verdadeiramente eu e ser livre”*. (BARROS, 2022, p. 23)

Nos últimos seis anos, estando na liderança da Pastoral do Colégio Santo Inácio e fazendo a experiência de transitar em dois segmentos distintos (diurno e noturno), me assaltam provocações, questões e análises que instigam o desejo por pesquisar a dinâmica do cuidado em chave de leitura sob a luz da Ética da

Alteridade, tendo em vista que o cuidado como dom, tarefa e serviço se dá sempre na perspectiva do encontro com o outro. E é justamente este outro, com toda a diversidade, que se apresenta no contexto de nossa ciranda diária de encontros e desencontros, que é o ouro a dar valor e sentido a tudo que podemos considerar como expressão do cuidado.

Não se trata de uma servidão, mas da relação que nos permite transcender o eu e compreender nossa proximidade com o infinito. A responsabilidade não é algo aprendido, uma conversão social, mas algo que nos antecede e que imprime sua pegada em nossa consciência. Cuidar do outro não é uma exigência da razão, mas uma demanda que nos convoca, provocando um trauma que nos liberta das ataduras de um eu ensimesmado. (NARBONA, 2020, Revista IHU on-line)

É nesta estrada que proponho uma breve viagem para um estudo sobre a Pastoral Escolar, sobretudo, a dos colégios jesuítas, enfatizando o seu lugar e a atualidade de seu serviço. Somado ao esforço de compreender que, de sua atuação e eficácia, podem resplandecer, como verdadeira luz, a construção da cultura do encontro que brota numa perspectiva *“a la Evangelho”* em que o amor ao próximo é a tônica de toda a mensagem de Jesus.

Esta empreitada apóia-se na relevância de levantar evidências que revelam a associação entre os objetivos da educação que oferecemos, sobretudo, a partir do serviço da Pastoral Escolar e o apelo que a Ética da Alteridade apresenta na perspectiva do cuidado da pessoa, forjando uma dinâmica de responsabilização pelo outro, conferindo-lhe centralidade no processo humano-formativo.

## **2 Para início de conversa**

Enquanto escrevia as primeiras palavras deste trabalho, revezava entre a digitação e o acompanhamento em aplicativo de mensagens acerca da situação de um estudante de um dos cursos técnicos que oferecemos no segmento noturno do Colégio. Internado por mais de 90 dias, um jovem de 27 anos chegava ao fim de sua vida, após ser acometido por um quadro de saúde infeccioso-respiratório. A notícia do falecimento me impactou, sobretudo quando pensava em sua família, de modo especial sua mãe, com quem, quase diariamente, trocava mensagens para atualizar o estado de saúde do aluno. Comoção geral entre a equipe do Colégio. Muito pesar entre os alunos de sua classe. Vale ressaltar, que toda esta experiência nasceu do

olhar cuidadoso da profissional de saúde que compõe o Núcleo de Apoio ao Aluno que, prontamente, o acolheu naquela noite em que chegava para mais uma jornada acadêmica. A atitude ofegante do aluno levou a um rápido diagnóstico e recomendação de que buscasse naquele instante o pronto-atendimento em Unidade de Saúde. Decisão muito acertada da educadora, pois o aluno precisou de internação hospitalar. Toda a dinâmica que se desenrolou a partir de então, exigiu acompanhamento cuidadoso e muito próximo à família, aos colegas da turma, à equipe de educadores. Foram três meses administrando e monitorando uma situação extramuros do Colégio, mas que nos tocava completamente, pois aquele aluno era o rosto do outro que dá sentido à existência de nosso fazer pedagógico, tendo em vista que *“a grandeza de cada sujeito se mostrará na capacidade de responsabilidade pelo outro.”* (RUIZ, 2010) A esperança de toda a comunidade educativa era que a culminância de todo o processo fosse o retorno às aulas daquele estudante talentoso e promissor. Era um excelente músico! Porém, seu quadro de saúde se agravou potencialmente, levando-o à morte. Aliás, disse-me certa vez um sábio amigo: *“A morte nos humilha. Chega, sem qualquer chance de negociação. Impõe-nos silêncio e pausa na rota.”*

Na cerimônia de velório e sepultamento, pareceram-me assaltar muitas perguntas, bem mais que respostas. Ali, o contato com muitos rostos trazia a marca de uma desolação, um assombro, um anestesiamiento. Em cada rosto uma expressão, uma experiência. Para cada um deles, meu olhar em devolutiva falava de esperança, de que *“estamos aqui”, “conta conosco”,* sem que fosse necessário proferir palavras. No máximo, a linguagem de um afetuoso aperto de mãos ou um abraço. Momento de atitude pedagógica da Pastoral em ser uma presença afetiva e efetiva que comunica comunhão, participação. Pude testemunhar, num contexto de profunda dor da família e amigos, a experiência da fé que eles praticavam. Integrantes de Igrejas evangélicas, durante todo o tempo da cerimônia, cantavam e faziam orações. Imerso nessa realidade de acolhimento e comunhão com a diferença, saboreava a vivência do encontro e da integração que geram cidadania e fraternidade. Sentia-me muito realizado na perspectiva da missão assumida como educador da Pastoral. Como prevê o Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação, consta de nossos princípios e valores, *“postura acolhedora expressa por meio do diálogo e da abertura ao outro, respeitando a dignidade de cada um, de*

*modo que todos se responsabilizam mutuamente e aprendam uns com os outros”.* (PEC, 2021)

Partilhar experiências como esta, entre tantas outras que vivemos é um modo de manifestar o serviço da Pastoral Escolar como importante mediação para fomentar a cultura do encontro e vivenciar de modo concreto a experiência da alteridade como motivação que edifica o ser e nos ajuda a entender o *“outro como medida para nossas ações”*, conforme afirma Levinas. (RUIZ, 2010)

### **3 O trabalho na Pastoral Escolar**

A experiência supracitada é fruto do trabalho na Pastoral do Colégio Santo Inácio. No Rio de Janeiro, entre tantos colégios confessionais, desponta o Colégio Santo Inácio da Rede Jesuíta de Educação, completando em 2023, 120 anos de fundação. Sua história traz marcas visíveis do legado dos filhos de Inácio de Loyola iniciado quando das missões jesuítas que datam a fundação da cidade.

A transferência da cidade para o interior da Guanabara ocorreu ainda nos primeiros meses de 1567, após a vitória contra os franceses e tamoios. Como local para a instalação definitiva do núcleo urbano escolheu-se um outeiro na margem ocidental da baía, o qual denominou de Morro de São Januário ou do Descanso. Imediatamente, iniciou-se o corte da mata nativa e a edificação da cidade, que foi cercada por muro, baluartes e uma fortaleza que, algum tempo depois, acabou por justificar a mudança do nome do local para Morro do Castelo. (TOVAR, César. Os jesuítas e o Rio de Janeiro, 2015, p. 31)

No atual Colégio, algumas insígnias remetem ao passado desta presença jesuítica, como o conjunto escultórico estabelecido na recepção do Colégio que compunha a Igreja dos Jesuítas, situada no Morro do Castelo, local que foi marco fundacional da cidade.

O Colégio Santo Inácio herdou o conjunto escultórico do Calvário, formado pelas imagens do Cristo Crucificado, de Nossa Senhora das Dores e de São João Evangelista. São três monumentais estátuas de madeira dourada e policromada que, acredita-se, foram encomendadas de Portugal em meados do século XVIII para figurarem no altar da nova igreja que não chegou a ser concluída. (TOVAR, César. Os jesuítas e o Rio de Janeiro, 2015, p. 47)

Outro símbolo especial do Colégio é o sino que ocupa o centro do Pátio interno, local preferido da comunidade educativa. O referido sino também é parte do patrimônio histórico advindo das construções do Morro do Castelo, conforme

também, indica César Tovar: *“O sino que hoje dá nome ao pátio central do Colégio Santo Inácio em Botafogo é também atribuído à antiga Igreja do Morro do Castelo”*. (TOVAR, 2015, p. 46)

A maior herança, porém, é a contribuição na formação integral da pessoa e o trabalho de oferecer meios para potencializar sua vida na perspectiva de uma atuação na sociedade marcada por protagonismo que expresse competência, comprometimento, consciência e compaixão, impulsionada sempre pelo amor-serviço. *“Prendemos formar líderes no serviço e imitação de Cristo Jesus, homens e mulheres competentes, conscientes e comprometidos na compaixão.”* (Pedagogia inaciana: uma proposta prática, 1993, p. 24)

Numa história que se construiu sob a batuta do apostolado educacional inaciano, posto que, não restavam dúvidas a Inácio de Loyola, ser a educação um meio valiosíssimo para *“ajudar as almas”*, impressiona pensar o quantitativo de pessoas que, ao longo de 120 anos, fizeram contato com a espiritualidade inaciana, inspiradora e iluminadora de todo o fazer pedagógico de um colégio jesuíta.

[...] o acervo denominado ‘Pedagogia Inaciana’ deve a Santo Inácio não a sua autoria, mas a inspiração, decorrente de sua experiência de vida, da sua visão, e dos seus escritos. [...] É nos Exercícios Espirituais, aprovados pelo Papa Paulo III, em 1548, que se encontra o maior número de elementos inspiradores da Pedagogia Inaciana. (KLEIN, 2014, p. 4 e 5)

Disso resulta o que diferenciam os objetivos que buscamos, a pessoa que queremos formar e a intencionalidade de nossas ações no apostolado educativo que praticamos.

Respeitando a integridade das disciplinas acadêmicas, a preocupação da educação jesuíta é a preparação para a vida, que é em si mesma uma preparação para a vida eterna. A formação do indivíduo não constitui um fim abstrato; a educação jesuíta também se preocupa com a maneira pela qual os alunos aproveitaram sua formação dentro da comunidade humana, no serviço aos outros *“para louvor, reverência e serviço a Deus”*. O êxito da educação da Companhia é medido não em termos do desempenho acadêmico dos alunos ou da competência profissional dos professores, mas antes em termos desta qualidade de vida. (KLEIN, 2015, p. 55 e 56)

Na realidade de mercado, inclusive, no campo da educação em que grandes investidores compram e/ou inauguram grupos com atuação na área educacional, deve haver, logicamente, em nossas Unidades, grande atenção para atender as demandas de uma clientela que atualmente conta com um rol variado de opções. É

justamente neste sentido que é essencial reafirmar a identidade e ressaltar o carisma da educação em que acreditamos, marca distintiva de uma instituição educativa da Companhia, evidenciando um modo de proceder que manifeste uma pastoralidade permeando todo o fazer educativo da escola, na seguinte dinâmica: *“mais que ser uma escola com Pastoral, ser uma escola em Pastoral”*.

Escola em Pastoral é uma expressão que visa exatamente propor e assumir esta atitude como dinamismo para todas as atividades da Escola. De um modo ou de outro, toda a atividade escolar representa diversas formas de cuidar, subdividida em diversas formas de serviços. (ANJOS, ITOZ, JUNQUEIRA, 2015, p. 24)

Embora não seja o objetivo deste trabalho justificar a necessidade da Pastoral no cotidiano dos colégios jesuítas, provavelmente, se apresentarão nos escritos razões e motivos que corroboram com a importância de fortalecer o setor de Pastoral Escolar como meio para deixar latente, em tempo contínuo, entre a comunidade educativa, o espectro da identidade e fim para o qual se destina o apostolado educativo da companhia de Jesus.

Muitas coisas o assemelham a outros centros não confessionais ou confessionais e inclusive de religiosos. Mas, se é verdadeiramente da Companhia, isto é, se nele atuamos movidos pelas linhas de força próprias de nosso carisma, com o acento próprio de nossas características essenciais, com nossas opções, a educação que recebem os nossos alunos os dotará de certa ‘inacianidade’, se me permitem o termo. Não se trata de atitudes esnobistas ou arrogantes, nem mesmo de complexo de superioridade. É lógica consequência do fato de que vivemos e atuamos em virtude desse carisma e de que em nossos centros devemos prestar o serviço que Deus e a Igreja querem que ‘nós’ prestemos’. (ARRUPE, 1980)

É especificamente a partir da Pastoral do Colégio Santo Inácio que queremos ampliar nossa reflexão na busca de levantar pontos que evidenciam que o serviço pastoral escolar é mediação, na perspectiva deste espírito inaciano que confere o elemento identitário a marcar o nosso modo de proceder do ensino/ aprendizagem, para a construção de uma cultura da ética da alteridade, expressada pelo cuidado das pessoas na diversidade de seus contextos e na individualidade com que se *revelam* cotidianamente, alinhados com os princípios e valores da ética cristã, conforme assinalado na página 112 do documento, *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática: “Na educação jesuíta, os valores do Evangelho tais como se contemplam nos Exercícios Espirituais, são as normas norteadoras de um desenvolvimento humano integral”*.

Na busca de ressonâncias sobre esta perspectiva da ética da alteridade implicada no cotidiano das ações pastorais desenvolvidas nos colégios, recolhi entre homólogos, agentes de formação cristã e pastoralistas de seis instituições diferentes, da Rede Jesuíta de Educação, impressões e expectativas sobre o trabalho pastoral e sua incidência entre a comunidade educativa. Tratou-se, sobretudo, de uma pesquisa ao modo de partilha para uma escuta a partir de olhares e leituras distintos.

Interessante notar que as respostas e reverberações trouxeram o elemento do desafio do trabalho frente aos contextos atuais, contudo, impregnado de esperança. Sentimento que brota da convicção perante a solidez das bases que fundam e sustentam o carisma e a identidade da pedagogia inaciana. Na partilha dos educadores da Pastoral, percebi a prevalência de expressões como: promoção da fé e justiça através de valores cristãos e inacianos, cuidado da pessoa, formação integral, formação para a ética, cidadania e solidariedade. Predominantemente, foi possível constatar, pelas respostas dos educadores, um esforço empenhado para, através do trabalho pastoral, em parceria com o acadêmico, ressaltar o traço identitário que distingue o objetivo da educação que é proposta por nossos colégios em que princípios e valores advindos do Evangelho são luzeiros a iluminar e inspirar posturas e práticas capazes de fomentar transformação social, oferecendo, inclusive, aos alunos e colaboradores oportunidades de experiências de voluntariado e solidariedade que traduzam, na prática, o projeto evangélico de uma sociedade mais justa e solidária. Falando à educadores e jesuítas sobre a Pedagogia Inaciana e sua incidência na vida dos estudantes, o Padre Geral da Companhia de Jesus, Peter-Hans-Kolvenbach (1993), assinalava:

Assim como os primeiros jesuítas contribuíram de modo peculiar para o humanismo do século XVI, graças às suas inovações educativas, assim também somos nós chamados hoje a uma tarefa semelhante. Isto requer criatividade em todas as áreas do pensamento, da educação e da espiritualidade. Será fruto de uma pedagogia inaciana a serviço da fé, mediante uma auto-reflexão sobre o sentido pleno da mensagem cristã e de suas exigências em nosso tempo.

Nesta direção, enriquecendo a compreensão sobre os objetivos da educação que a Companhia de Jesus se propõe a oferecer, complementou o atual Padre Geral, Arturo Sosa:

[...] o serviço educativo jesuíta visa formar cidadãos com capacidade crítica, vivência da sua identidade original e disposição para um diálogo intercultural. O colégio jesuíta é uma escola de formação de líderes de serviço, de homens e mulheres de ação, de agentes multiplicadores, que buscam um excelente aprimoramento pessoal e um solidário relacionamento com Deus, com os outros seres humanos, com a sociedade e com o meio ambiente.

Sobre o Colégio Santo Inácio, a instituição em que trabalho, além dos turnos (matutino e vespertino) em que recebe estudantes menores para o Ensino Fundamental e Médio, oferece no período da noite, o Ensino Médio na modalidade da Educação para Jovens e Adultos (EJA) e quatro cursos técnicos e profissionalizantes, a saber, Administração, Análises Clínicas, Enfermagem e Informática. Este projeto de educação no segmento noturno destinado a pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica foi iniciado em 1968. Inspirados pelo ideal de promover reconciliação e justiça e movidos pelo desejo de gerar transformação, nestes 55 anos de missão, este projeto é manifestação robusta da seiva do Evangelho arraigada na tarefa, dom e compromisso da Companhia de Jesus na frente apostólica da Educação.

A Companhia de Jesus tem uma longa trajetória em educação. Desde os seus inícios, a educação tem sido considerada uma tarefa crucial para realizar a missão de promover a dignidade de todas as pessoas como seres humanos e filhos de Deus. Inspirada pelo princípio do *magis* inaciano, a Companhia tem dedicado especial atenção a oferecer uma educação de qualidade em seus centros educativos e a apoiar, a partir de uma variedade de iniciativas em todo o mundo, aquelas pessoas que vivem à margem. (A Companhia de Jesus e o direito universal a uma educação de qualidade, 2019, p. 13)

É neste contexto e motivados por este desejo, que desenvolvemos a ação Pastoral em parceria com o acadêmico e demais setores do Colégio, confiantes de que, esta experiência nos entroniza, essencialmente, no que representa a intencionalidade e a razão de existir da missão educativa da Companhia de Jesus.

Iluminados pela herança deste apostolado, além dos documentos norteadores, a Pastoral recebe uma missão instigante, desafiadora e indispensável, que podemos sintetizar nesta pergunta: *“como cuidar/ afetar na perspectiva do magis<sup>1</sup> todos os públicos que compõem a grande comunidade educativa que se*

---

<sup>1</sup> Advérbio em latim que significa “mais ou maior”. O significado foi cunhado no séc. XVI por Santo Inácio de Loyola. A busca pelo “*magis*” tornou-se um elemento-chave para a Companhia de Jesus e para todos os que vivem a espiritualidade inaciana. (Fonte: [jesuitasbrasil.org.br](http://jesuitasbrasil.org.br))

*forma na instituição?”* Denominamos todos os públicos: estudantes, funcionários, famílias dos alunos e antigos alunos do Colégio, além da comunidade local em que o Colégio está inserido. Esta pergunta é capital, pois, nos provoca e nos exige uma resposta cuja concretude não pode ser outra senão planos de pastoral que incidam na vida da escola e, sobretudo, revelem cuidado e acompanhamento.

Cuidar exige ir além dos sentimentos, agir de modo consciente e muitas vezes buscar parcerias. (...) o desafio é fazer-se próximo. Então a resposta significa tomar a iniciativa que nasce do compromisso pelos outros, numa atitude de misericórdia. (ANJOS, ITOZ, JUNQUEIRA, 2015, p. 24)

Problematizar a ação do setor Pastoral como expressão efetiva da cultura do cuidado na perspectiva da ênfase à alteridade é o que move nossos esforços nesta empreitada. Olhar para a Pastoral Escolar como o espaço para viver e ratificar o dinamismo da alteridade, potencializando a dimensão do outro. Neste sentido, compreendemos que a cultura do cuidado pode, afetiva e efetivamente, ser construída na mesma medida que se edifica uma “*cultura da alteridade*”. (RUIZ, 2010)

Considerando a pastoralidade dos Colégios Jesuítas como uma característica fundante do apostolado educativo da Companhia de Jesus que remonta ao desejo primeiro de que toda a ação educacional tenha o fim de “*ajudar as almas*”, no dizer de Santo Inácio, compreendemos que todo o trabalho desenvolvido nos colégios jesuítas, nesta perspectiva, carrega, sobretudo, a insígnia de uma pedagogia do cuidado, cuja inspiração e fonte são a mesma que deu origem a tudo que chamamos de jesuítico e inaciano, os Exercícios Espirituais. Falando sobre tradição e atualização da Educação Jesuíta, Luiz Fernando Klein, enfatiza:

A educação jesuíta assume que o colégio é um instrumento de apostolado para desenvolver a missão da Igreja e da Companhia de Jesus. Esta tem como objetivo hoje promover a reconciliação e a justiça a partir do discernimento em comum e mediante a colaboração com outros. [...] Trata-se de formar homens de serviço para os demais segundo o Evangelho, homens novos transformados pela mensagem de Cristo, homens abertos ao seu tempo e ao futuro, homens equilibrados. (KLEIN, 2020, p.1)

Promoção de reconciliação e justiça, conforme citado acima, é tema relevante que, inclusive, foi apelo da 36ª Congregação Geral da Companhia de Jesus<sup>2</sup> (2016)

---

<sup>2</sup> Congregação Geral é o órgão supremo da Companhia de Jesus só pode ser convocada para discutir assuntos de importância especial ou para eleger um novo Superior Geral. (Fonte: www.flacsi.net)

e encorpou a 2ª Preferência Apostólica Universal da Companhia, dentre quatro eleitas para o decênio 2019-2029. José Alberto Mesa, jesuíta Secretário Mundial para a Educação da Companhia de Jesus, na introdução do documento Colégios Jesuítas, uma tradição viva no século XXI (2019), afirma:

A única razão pela qual a Companhia de Jesus se compromete a continuar nosso Apostolado Educativo é a convicção inabalável de que hoje, como ontem, os colégios são espaços privilegiados para cumprir a nossa missão de reconciliação e justiça dentro do âmbito das quatro Preferências Apostólicas Universais para 2019-2029 anunciadas pelo Pe. Geral: 1. Mostrar o caminho para Deus mediante os Exercícios Espirituais e o discernimento. 2. Caminhar junto aos pobres, os descartados do mundo, os vulneráveis em sua dignidade, numa missão de reconciliação e justiça. 3. Acompanhar os jovens na criação de um futuro cheio de esperança. 4. Colaborar com o cuidado da Casa Comum.

As preferências apostólicas situam o horizonte da missão da Companhia de Jesus inspirando e impulsionando esforços que incidem na vida dos outros, atenta aos sinais dos tempos, alinhada com as mudanças de paradigmas e contextos que exigem estratégias e desdobramentos distintos e eficientes para gerarem transformação pessoal e social, através do reforço de processos dialogais e mais engajamento nas frentes que interpelam a uma resposta mais profética. De algum modo, isto remete à postura de Michel Serres<sup>3</sup>, proponente de um *novo humanismo*, quando sinaliza a importância de:

(...) estreitar laços através do diálogo com as culturas, as filosofias, as ciências e, particularmente, com o mundo, acreditando que este se transforma de maneira permanente e em concomitância com as mudanças da humanidade. (SÁ, 2018, p.84)

Neste sentido, todos os colaboradores de um colégio jesuíta devem ser ajudados a crescer na tomada de consciência de que são educadores oferecendo um serviço que se traduz principalmente no exercício da atenção e do cuidado com a pessoa, na realidade e no contexto de suas existências; *“um olhar cuidadoso para a pessoa e a atuação dos educandos, pais, educadores, dirigentes, funcionários e antigos educandos da escola.”* (KLEIN, 2014, p. 3). Essa dimensão de pastoralidade

---

<sup>3</sup> Michel Serres foi um filósofo francês. Escreveu entre outras obras "O terceiro instruído" e "O contrato natural". Atuou como professor visitante na Universidade de São Paulo. Desde 1990, ele ocupou a poltrona da Academia francesa. (Fonte: pt.wikipedia.org)

deve permear todo o fazer pedagógico para que a identidade e o carisma inicianos não fiquem comprometidos ou desfigurados na essência.

#### 4 Ética da Alteridade

Tendo em vista que desejamos neste trabalho olhar para a Pastoral Escolar como expressão do cuidado, dando ênfase à Ética da Alteridade, vale considerarmos, ainda que de modo breve, este conceito a partir de Emmanuel Levinas, filósofo francês nascido na Lituânia, de ascendência judaica, filho de livreiro. Viveu quase que por inteiro o século XX (1906-1995), testemunhando e experimentando os dramas dos eventos trágicos e impactantes que irromperam no mundo neste período. Certamente, tais experiências marcaram sua leitura filosófica sobre a vida, além da influência de pensadores como Edmund Husserl, Martins Heidegger e Franz Rosenzweig.

Para Levinas a filosofia primeira é a ética e não a ontologia. *“A ética é muito mais que um código moral ou princípios formais de ação. A ética é a relação primeira, a abertura necessária para o outro.”* (RUIZ, 2010) Historicamente, na filosofia, há um predomínio do ser, prevalecendo a subjetividade, o ego, com uma marca de individualismo e exacerbação do eu, legitimando um saber de poder e domínio.

Filosoficamente, Levinas percebe que o pensamento ocidental, a partir da filosofia grega, desenvolveu-se como discurso de dominação. O Ser dominou a Antigüidade e a Idade Média, sendo depois substituído pelo eu desde a época moderna até os nossos dias, porém sempre sob o mesmo sinal: a unidade unificadora e totalizante que exclui o confronto e a valorização da diversidade, entendida como abertura para o Outro. A obra de Levinas transmite o alerta de uma emergência ética de se repensar os caminhos da filosofia a partir de um novo prisma, de se partir do e já em direção ao outro. (Revista IHU on-line, 2008, ed. 277)

Levinas critica esta filosofia que privilegia o ser na perspectiva da ontologia e convida ao resgate da ética que brota da relação, a partir da responsabilização pelo outro que deriva do encontro com o seu rosto, mudando assim o movimento da subjetividade. Esta se dá justamente em função da alteridade.

Para Levinas, a dimensão primeira do sujeito é sua abertura para alteridade. Pela abertura, constitui-se o sujeito, sempre em relação ao outro. A abertura para a alteridade é condição de possibilidade do ser do sujeito, sem ela, nós

não seríamos humanos. Seríamos outra espécie viva, mas não humanos. A alteridade, enquanto reação primeira, é constitutiva da subjetividade. (RUIZ, 2010)

O outro me possibilita ser e me responsabiliza. Antes da minha existência, o outro já é realidade. E se dá a mim através de seu rosto que carrega em si o signo da transcendência, tornando-o um *labirinto* de possibilidades, excluindo, portanto, qualquer pretensão de estereotipação ou tentativa de objetivá-lo e/ou conceituá-lo. O rosto do outro é expressão do infinito. Para Levinas, é o que há de mais original no outro e postulado ao transcendente. O rosto do outro sentencia em forma de apelo ético que “*não o matemos*”. (NARBONA, 2020)

A alteridade aparece, então, como epifania, manifestação do outro na sua dignidade. A alteridade humana se apresenta como o horizonte ético necessário da ação. Consequentemente, ela se propõe como critério ético que avalia o bem e a justiça de nossos atos. (RUIZ, 2010)

Obviamente, quando Levinas apresenta o rosto do outro com esta característica de acesso para uma transcendência infinita, este rosto não é apenas sua face, carrega toda a corporeidade deste sujeito, estando certo de que não podemos vê-lo como objeto de conhecimento. Se assim o fazemos, estabelecemos a dinâmica do exercício do poder em que a premissa é o conhecimento do objeto que produz objetivação a partir de uma leitura que parte de nós mesmos. Este é um modo de totalizar o outro e negar sua liberdade e sua potência de existir sem que seja tematizado, reduzido ou encerrado em projeções que partem de nossos egos.

A responsabilidade pelo outro, livremente assumida, significa também assumir de maneira consciente a liberdade do outro. Uma sociedade, uma cultura, fortemente marcadas pelo prisma da subjetividade do sujeito, do indivíduo que é considerado o centro de onde irradia a verdade, a moralidade e a constituição de uma existência comum e política é claro que é uma civilização pautada egocentricamente, que tende a colocar o outro com algo secundário. Se eu desejo conhecer o outro para depois aceitá-lo, colocando como primeiro interesse o conhecimento, a objetivação para depois assimilar afetivamente o outro como parte de minha vida, isso provavelmente nunca me fará realmente chegar até o outro. Esta é a pior maneira de estar com o outro: vê-lo como objeto de conhecimento. (SILVA, Café filosófico, Youtube, 2018)

Tratar desta alteridade como manifestação da ética é falar de tema desprezado ao longo da história da filosofia, conforme comentário de Franklin Leopoldo e Silva, dado que “*em nossa cultura a subjetividade é tão voltada para si mesma que o outro aparece como horizonte um tanto quanto longínquo da nossa percepção.*” (SILVA, Franklin L., Youtube, 2018) Em consonância com a filosofia

clássica, o predomínio do sujeito, o ego como categoria principal, de algum modo, criou distanciamento para o outro.

A palavra ética não pretende assimilar e submeter a alteridade, mas a acolher, compreendê-la e a deixar existir, assumindo o seu cuidado. O pensamento totalitário é a negação do outro. Seu objetivo é erradicar a diferença. O outro não mais como tarefa, mas como variável de uma equação, onde só conta a hegemonia do eu. (NARBONA, Revista IHU on-line, 2020)

A alteridade não é modelar, é circunstancial e por isso, infinita. O outro me implica transcendência e o seu rosto me interpela ao comprometimento e à responsabilidade necessários para me constituírem sujeito. Essa responsabilidade não se estabelece numa perspectiva retributiva ou meritocrática; ela exige um exercício de gratuidade em que o outro me conclama a uma experiência de cuidado fraterno que engendra um dinamismo que confere sentido à existência humana. Desta experiência resulta a prática da fraternidade universal como mediação para “salvar” a pessoa humana dos traços de violência e morte constantes dos tempos presentes, conforme podemos depreender do fragmento a seguir.

A “situação original” do homem é a inquietude pelo outro, que se revela como próximo, como fragilidade que pede a nossa atenção. A ferida que nos produz o espetáculo da dor alheia é a pegada de um enigma situado para além do ser. É o que Levinas chama de “fundo de humanidade” e que se concretiza na história como fraternidade universal. Não é um sentimento, mas algo que vem antes do Eu, mas que remete a um além. É uma vivência interior, mas sua raiz última excede a totalidade do ser. (NARBONA, Revista IHU on-line, 2020)

Pensar a Ética da Alteridade é pensar a singularidade do outro que se mostra através de seu rosto humano, representando a “*ultrapassagem de toda a possibilidade de definição*” (NASCIMENTO, 2021). Seu rosto abre o caminho para o infinito, a partir da experiência do encontro pela via da afecção. Aqui, o pressuposto de uma filosofia que se faz “*sabedoria do amor*” para gratuitamente empreender o movimento de construção de dignidade que o outro reclama e a colaboração para a promoção de modelos sociais com mais justiça e equidade. Neste sentido, assinala Luiz Carlos Susin, teólogo, em artigo na Revista IHU on-line, 2008:

“A importância do outro, o “humanismo do outro homem”, conforme o título de uma obra de Levinas, não é uma necessidade biológica e nem mesmo lógica. (...) Somente uma ética que parta do outro mesmo pode abrir espaço para a dignidade do outro enquanto radicalmente diferente do eu e, no entanto, doador de sentido para o próprio eu. E agora a inversão: de certa forma, seguindo o pensamento de Levinas, o outro é a condição de possibilidade para que o eu mereça respeito de si mesmo: à luz do outro o

eu ganha consideração e é exaltado para além de si mesmo na resposta e responsabilidade por um mundo de convivência e paz.” (SUSIN, Luiz C., IHU on-line, 2008)

A vida de Levinas foi marcada por muitos sinais de violência e o horror da incapacidade humana de, em muitos momentos, cultivar a harmonia e a paz. Daí que sua perspectiva filosófica sob o prisma da Ética da Alteridade exija a compreensão da subjetividade como resultado lógico da existência do outro, cujo rosto me chama a responsabilizar-me por ele, sem a possibilidade de que esta relação se torne um exercício de poder ou dominação, tendo em vista que o rosto do outro me comunica a transcendência infinita, tornando impossível capturar, enquadrar, definir ou tematizar o outro. Este, na sua infinitude, me escapa ao pensamento e me implica, me compromete e me responsabiliza como sujeito social. Eis um caminho que, se assumido livremente, pode cooperar para a edificação de sociedades mais fraternas e justas.

Constituir uma sociedade a partir da alteridade humana tem um impacto sobre as instituições e as relações sociais. Destaco brevemente o aspecto da violência. Ainda que o pensamento de Levinas seja metafísico, uma das preocupações mais claras é sua relação com a violência. Levinas mostra como toda ontologia provoca um tipo de violência sobre o outro. O outro, reduzido a conceito, perde a capacidade de mostrar-se na singularidade do rosto próprio. Uma vez reduzido a conceito, fica fácil intervir sobre o outro de forma útil, instrumental e até violenta. Por sua vez, toda violência tem como condição de possibilidade a redução do outro à totalidade ontológica. Quando eu reconheço no outro um rosto singular, sua alteridade, minha possibilidade de violentá-lo, se esvai. Pelo contrário, quando o outro é só um número, uma estatística, uma imagem ou uma abstração (todas elas, formas de ontologia), fica muito mais fácil intervir sobre ele de forma instrumental e até violenta. (RUIZ, 2010)

## **5 Ética da alteridade no serviço Pastoral**

Fazendo contato com a Ética da Alteridade em Levinas, me parece impossível, ao menos, para mim, não associar o seu pensamento a traços muito próprios do Evangelho de Jesus Cristo. O lugar de transcendência dado ao rosto humano remete ao ensinamento de Jesus aos seus seguidores quando afirma que uma ação de amor realizada a qualquer um dos mais fragilizados era ação feita a ele mesmo. *“Em verdade eu vos digo, que todas as vezes que fizestes isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizestes!”* (cf. Mt 25, 40). Jesus imprimiu

sua face em cada rosto humano, dotando-o de infinita dignidade. Um percurso rápido pelo Evangelho dará mostras consistentes de que sua mensagem parte da alteridade como ética para a construção de uma civilização pautada pelo amor e pela fraternidade. Este movimento não tem nada de simples. É radical, exigente e desafiador. Pode até nos deixar uma impressão de utopia, acostumados que estamos com o dinamismo de prevalência do eu que normaliza a busca de satisfação dos próprios interesses, geralmente utilitários e imediatistas, em detrimento de qualquer outra ordem.

Olhando para o *chão* do espaço escolar, pergunto-me: em que medida nosso fazer pedagógico está impregnado de abertura para a alteridade; tem sido espaço de acolhida da diferença; temos tido coragem para produzir conteúdos a partir da experimentação do encontro com o rosto do outro que nos possibilita acessar o infinito? Tendo em vista que as perguntas têm uma pedagogia provocativa de mobilização, penso que as supracitadas podem iluminar os passos de nossa escrita, sobretudo na seara do serviço da pastoral, lugar de minha atuação.

Como colaborador no serviço da pastoral escolar, afirmo que nosso modo pedagógico de atuação carrega a marca da abertura ao outro. Aliás, não pode haver trabalho pastoral sem a premissa da acolhida aos demais, até porque a confessionalidade de uma escola católica deve ser expressa pela autêntica manifestação de que o cuidado é centralidade naquele espaço. Na perspectiva da educação jesuíta, este aspecto está evidenciado em nossos referenciais. Iluminado por estes paradigmas, o Projeto Pedagógico do Colégio Santo Inácio, descreve:

A educação da Companhia de Jesus “insiste no cuidado e interesse individual por cada pessoa”. E é na pessoa que o currículo está centrado, não nos saberes e nos meios. Nesse sentido, o cuidado pessoal (*cura personalis*) é um elemento constitutivo da Educação da Companhia de Jesus. É no processo de ensino e aprendizagem, na relação entre professores e alunos, na estrutura de acompanhamento a todos que construímos a formação integral e o crescimento de cada um em sua individualidade. (COLÉGIO SANTO INÁCIO, 2020)

Não será o cuidado a mais potente característica do “pastor”? E se falamos de Pastoral, falamos justamente deste lugar que deve exalar o cheiro da relação do “*pastor com o rebanho*” que se dá numa dinâmica de abertura e construção da experiência sem a lógica hierarquizada da figura daquele que, com o cajado nas mãos, assume o *múnus* do ensino. Aqui há o risco de depreender da palavra

pastoral que deriva, justamente, de pastor, apenas o sentido de pastor como aquele que vai à frente, chamando, conduzindo e liderando com a significação do lugar de mestre e detentor do saber. A dinâmica deve ser outra. A potência desta relação se dá exatamente na proporção da capacidade de misturar-se para gerar espaços de aprendizagem mútuos em que a prática do cuidado se note potencializada, enfatizando o dinamismo da alteridade como perspectiva primeira e mobilizadora do fazer pedagógico. Construção do conhecimento que parte da relação, como sugere Paulo Freire, mencionado em obra de Daniel Chacon (2023):

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (p. 24). Ademais, ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado”.

O lugar da Pastoral, portanto, é este lugar do encontro. Encontro com o outro, cujo rosto e história carregados de possibilidades, revelam o infinito. Isto exige um dinamismo de abertura ao cuidado. Vale ressaltar que o outro que se apresenta, trazendo em si traços tão marcantes das feridas que as situações e contextos lhe imprimiram, nem sempre se mostra instigante ou motivador. Aqui reside o relevante aspecto da compreensão, como ressalta Edgar Morin, ao afirmar que:

“A palavra compreender vem do latim, *compreendere*, que quer dizer: colocar junto todos os elementos de explicação, ou seja, não ter somente um elemento de explicação, mas diversos. Mas a compreensão humana vai, além disso, porque, na realidade, ela comporta uma parte de empatia e identificação. O que faz com que se compreenda alguém que chora, por exemplo, não é analisar as lágrimas no microscópio, mas saber o significado da dor, da emoção. Por isso, é preciso compreender a compaixão, que significa sofrer junto. É isto que permite a verdadeira comunicação humana”. (MORIN, Edgar, 2023)

É justamente esta dinâmica de compreensão e abertura ao novo que cada pessoa traz com todas as especificidades próprias que tornam o cotidiano do trabalho pastoral um espaço pedagógico singular para dar concretude ao exercício de construção da ética que se apóia na alteridade para se edificar.

No segmento Noturno do Colégio a experiência dos alunos da EJA e Educação Profissional cruzando-se com nossa ação Pastoral, permitem-nos encontrar a diferença, para Gilles Deleuze<sup>4</sup>, a sempre produção do novo, que advém

---

<sup>4</sup> Gilles Deleuze, filósofo francês que trabalha o conceito da diferença. Referido e contemplado em nossa escrita, a partir de um momento de conversação e orientação com o prof. Dr. Laércio Pilz.

na diversidade de rostos, identidades, histórias, forjando um movimento que produz esta ciranda de *devires* tão instigante para a vida. Esta novidade instigante e infinita que o outro revela gera um processo de afetação que faz a vida tornar-se devir, em constante movimento.

## 6 Evangelização, Educação e Afetações

Em um Congresso sobre Educação Católica, ouvi de um conferencista que *“fora do afeto não há evangelização”*. Eis uma sentença certa que aponta para a dinâmica experienciada no cotidiano escolar que se faz por afetação. A todo tempo somos afetados e afetamos, pois *“somos mais que seres racionais, somos animais afetivos”*. (GIACOIA, 2017) O exercício do encontro com o outro gera emoções e interpelações que nos colocam em movimentos reflexivos. Existirá qualquer processo educativo exitoso que não passe pela via dos afetos? Nossas próprias experiências dão conta disso. Quantas vezes, ao fazermos memória de educadores ou colegas de classe que passaram por nossas vidas, naturalmente fazemos uma lista mental com aqueles que, de fato, nos marcaram, nos afetaram, moveram nosso coração e o expandiram. Em muitos casos essas afetações foram objeto, inclusive, de nossas escolhas e decisões no campo profissional, dada a força de sua implicação em nós. Como afirma, Oswaldo Giacoia, numa vídeo-aula tratando dos afetos em Baruch Spinoza: *“Encontros bons aumentam a capacidade e a potência de nosso próprio corpo. Bons encontros produzem afetos alegres e fortalecem nossa potência de existir”*. (GIACOIA, 2017)

Retomo a frase do conferencista *“fora do afeto não há evangelização”* para destacar um ponto crucial do trabalho pastoral escolar que brota das vivências, da reflexão dos especialistas sobre o tema e da própria experiência da minha atuação. *“Evangelizar não é catequizar.”* Obviamente, a partir da confessionalidade de nossas escolas e balizados pela identidade católica que as sustenta, o serviço da Pastoral há de manter-se firme e muito autêntica na perspectiva de desvelar o carisma e o marco identitário que as sublinha, garantindo, inclusive, espaços para formação catequética que faz parte do desenvolvimento das ações pastorais oferecidas para a grande comunidade educativa. Contudo, justamente, na perspectiva da assunção de uma ética da alteridade, a consciência e o compromisso com a abertura ao outro é

capital a fim de colaborarmos no serviço que potencializa a espiritualidade para além da fronteira da religião, tendo em vista que acolhemos em nossas unidades escolares público muito plural. O segmento Noturno do Colégio Santo Inácio, por exemplo, cada vez mais se depara com esta realidade de receber estudantes que representam grande pluralidade. Nota-se diversidade de etnias, idade, gênero, religião e orientação sexual. Daí que nosso projeto de Pastoral necessita de um olhar alinhado com a alteridade para sentir-se e fazer-se responsável por cada rosto que se apresenta como destinatário de nosso serviço, rosto este que traz em si o marco da infinita possibilidade de transcendência e por isso, ativa e desperta o nosso desejo - *conatus* - no dizer de Spinoza, este ímpeto que “*augmenta a potência de existir*”. (GIACOIA, 2017).

Neste sentido, assumir uma postura evangelizadora e não apenas *catoliquizadora* (talvez, eu esteja inventando este termo), permite uma proximidade necessária e indispensável para gerar espaços de escuta do outro que produz afetos, acolhe a diferença e celebra a alteridade como modo “*crístificado*” de comprometimento com a vida humana. De alguma maneira, isso me remete à fala de Bento XVI na ocasião de sua visita ao Brasil. Em maio de 2007, na missa de abertura da V Conferência do Episcopado Latino-americano e caribenho, no Santuário de Aparecida do Norte, SP, dizia Bento XVI que a principal mensagem que a comunidade cristã pode oferecer ao mundo é anunciar que “*Deus é amor*”. E acrescentou que a “*fé é transmitida por atração, por testemunho e não por proselitismo*”. Penso que se entrelaça bem com o que expomos acima. Aplicar a ética da alteridade nas ações de nosso fazer pedagógico significa repetir a todo tempo a crença no amor. A atitude já se torna um mantra cuja mensagem é justamente esta: *o amor nos torna responsáveis uns pelos outros*. E desta responsabilidade, nasce uma dinâmica de afetos capaz de produzir frutos que potencializam a capacidade de cada pessoa desejar mais vida, pois “*cada ser carrega em si o dom de ser capaz e ser feliz*”, como cantam, Almir Sater e Renato Teixeira, numa belíssima canção de sua autoria.

O Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação Básica do Brasil ressalta este aspecto:

O desafio de articular fé, justiça e reconciliação nos levam a considerar, no espaço escolar, os temas referentes a gênero, diversidade sexual e religiosa, novos modelos de família, questões étnico-raciais, elementos referentes às culturas indígena, africana e afro-brasileira e outros similares relacionados a categorias ou grupos sociais que sofrem discriminação, violência e injustiça. São realidades que, iluminadas pela fé e em comunhão com a Igreja, precisam fazer parte, de forma transversal, de um “currículo evangelizador”, voltado para uma aprendizagem integral. (PEC, 22, p. 28)

Nesta direção, o Plano Pastoral de Ação do serviço de Pastoral e Formação Cristã do segmento Noturno do Colégio Santo Inácio, definiu cinco eixos de atuação entre os públicos que compõem a comunidade educativa, com destaque para o alunado. Os eixos são: Espiritualidade e Fé, Cidadania Global, Formação para o Diálogo, Liderança Inaciana e Identidade e Missão. Cada eixo compreende projetos que se direcionam para o fomento, entre os envolvidos, da promoção da cultura do encontro e da participação em vistas da construção do conhecimento e da vivência de experiências que produzam mais “*potência de existir*”.

Apresento uma experiência que exemplifica com robustez a questão dos afetos. Durante o ano letivo, mais especificamente no segundo semestre, é realizada no Colégio uma atividade chamada Encontro Profissional. É destinada a todo o público do Noturno e coordenada pela equipe pedagógica da Educação Profissional. Trata-se de uma semana cuja programação se volta para a tematização e reflexão sobre o ensino profissionalizante, sua atualidade e aplicabilidade no mercado, entre outros temas transversais. Para abrir a semana, ocorre o Encontro de Inacianos. Dois antigos alunos dos cursos técnicos, a saber, Administração, Análises Clínicas, Enfermagem e Informática, são convidados para um depoimento acerca do significado e das resultantes de sua formação técnica. Na minha concepção é o ponto alto de toda a Semana. Sinto-me completamente afetado, mexido às entranhas, diante do relato livre e repleto de confiança dos antigos alunos, expondo os percalços, os dramas, as dificuldades e todos os elementos que configuraram uma trajetória de grande superação na conquista de seus objetivos. Falas que demonstram transformação social de verdade. Inclusive, lágrimas são inevitáveis, tanto pelos depoentes quanto por nós, ouvintes de suas histórias. Na verdade, lágrimas e sorrisos se misturam para ditarem a tônica de uma vida misteriosa - me parece que este termo resume o que quero dizer – e, sobretudo, para afirmar a vida como este mistério intrigante e lindo que nos possibilita perceber o transcendente do

rosto alheio que, em algum momento, cruzou com o nosso, deixando pegadas de infinito e de grandes possibilidades. Faltam palavras e sobram muitos sentimentos, certamente produzidos pela força dos afetos, ao ouvir antigos alunos, diante de uma plateia com mais de 400 estudantes, dizerem frases como: *“Já estive neste lugar em que vocês estão. Por favor, não desistam, não desanimem.”* Outra: *“Tenham fé, vivam os processos, aproveitem”*.

Impactaram-me, profundamente, as falas dos antigos alunos do curso técnico em Informática, uma jovem e um jovem. A primeira disse: *“Querem saber o que o Colégio Santo Inácio mudou em mim? Mudou minha mentalidade.”* Explicava, em seguida, que trabalhava como panfletista nas ruas, de segunda a sábado, para garantir verba que pudesse subsidiar o valor das passagens de ônibus e um lanche simples para frequentar o curso de Informática. Dizia que o curso a ajudou na percepção e consciência de que era vocacionada e capaz de ser mais, de que podia sonhar alto. Atualmente, está empregada numa grande empresa de informática trabalhando com *web designer* com salário muito digno. Já o segundo antigo aluno, num visível nervosismo diante do desafio de falar em público, entre uma fala tímida e trêmula, proferiu a frase mais preciosa e mais impactante para mim. Ei-la: *“Descobri que o Colégio Santo Inácio me ofereceu muito mais que ensino técnico; me ajudou a ser mais humano, ético e uma pessoa mais completa”*.

Como não se extasiar em alta dose de júbilo, na condição de professor, educador da Rede Jesuíta de Educação, coordenador de Formação Cristã, pastoralista e muito crente da pessoa humana, diante de um testemunho destes? Nossos documentos referenciais da Educação da Companhia de Jesus e nossos paradigmas evidenciam a busca pela formação integral, em educar a pessoa em sua totalidade e o antigo aluno nos oferece como grande dádiva, esta pérola de altíssimo valor quando afirma que nosso Colégio o ajudou a ser *“mais completo”*.

A proposta pedagógica das Unidades Educativas jesuítas está centrada na formação da pessoa toda e para toda a vida; trabalhamos para realizar uma aprendizagem integral que leve o estudante a participar e intervir autonomamente na sociedade: uma educação capaz de formar homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos e comprometidos. (PEC, 25, p.37)

Sem qualquer pretensão de ingressar numa análise filosófica sobre o termo completude que o antigo aluno trouxe em sua fala, desejo elucidar a reflexão que me

trouxe ao escutar, percebendo que, internamente, associei com a integralidade que tanto enfatizamos como um dos objetivos da educação que oferecemos. Quando ele adjetivou a compreensão de si após o itinerário formativo no Colégio a partir de uma leitura de mais completude na perspectiva humana e ética, senti aquele gozo próprio e genuíno de professor que, de fato, alcançou sua meta de despertar nos alunos o mais fundante dos saberes: de se reconhecerem inteiros. Esta inteireza é a senha para descortinar caminhos que levam ao sucesso. Dizia Fernando Pessoa: *“Para ser grande, sê inteiro”*.

## **7 Pastoral, Cidadania Planetária e Justiça Socioambiental**

Quando integrados, mais conscientes enxergamos o papel de cidadãos comprometidos que devemos assumir na sociedade. Neste sentido, a responsabilidade pelo outro é a consequência lógica e natural de uma ética que se pauta na alteridade como paradigma em que a preocupação permanente com as futuras gerações perpassa as linhas de ação ou, ao menos, deveria, estando certo de que, colocar o outro no centro significa expressar a prioridade pela manutenção da existência humana em que haja *“vida e vida em abundância”*. (cf. Jo 10, 10) Desse modo, pensar em ética da alteridade é ocupar-se também com a tarefa de engajamento no projeto de justiça socioambiental mediante verdadeiro processo de mudança pessoal e comunitária na perspectiva da ecologia. Na proposta do Pacto Educativo Global, o Papa Francisco, tem chamado a atenção para esta dimensão, como podemos verificar no trecho seguinte do documento *“A Igreja no Brasil, como o Papa Francisco, no Pacto Educativo Global”*, p. 21 (2021).

Sabemos que a sobrevivência da humanidade está condicionada a um ecossistema extremamente frágil, que vem sofrendo as duras consequências da exploração desordenada de seus recursos. Enchentes, queimadas, ciclones, tsunamis, mudanças climáticas, migrações forçadas, pobreza, conflitos de terra e outras ocorrências, evidenciam que é urgente a construção de um processo educativo de conversão ecológica integral. O Pacto Educativo Global nos convida a promover uma *“educação ecológica”* que compreenda ações diárias individuais, mas que também contribua para mudanças estruturais em nossos hábitos cotidianos de consumo, produção, convivência e existência.

Comprometer-se com a justiça socioambiental exige a compreensão também desta integralidade que compõe a vida no planeta, bem como a conscientização acerca da alteridade, tendo em vista, nosso cuidado que reflete preservação e

garantia de vida para os que virão. Daí a expressão tão acentuada na fala do Papa Francisco sobre “Casa comum” com forte apelo pela tomada de consciência e adesão autêntica a novos modelos de interligação e conexão com a vida planetária para possibilitar a existência e a dignidade para esta e as próximas gerações em comunhão com a diversidade de vida constante de nosso planeta. Em 2015, na Carta Encíclica *Laudato Si*, Francisco, já insistia:

O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. (...) A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum. (...) Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós. (*Laudato Si*, nº 13 e 14, 2015)

Nesta linha de cuidado pessoal e comum, também ingressamos na perspectiva da ética da alteridade, pois atitude desta envergadura passa pela responsabilização frente ao outro que se traduz numa dinâmica de reconhecer a transcendência que advém de seu rosto impulsionado por um desejo de amar e colaborar na construção de sociedades balizadas pelo espírito solidário e promoção da justiça.

Desse modo, a ecologia integral deve ser assumida como um estilo de vida que garanta a sobrevivência do planeta, que promova justiça socioambiental e resgate a harmonia dos seres humanos com toda a criação. Partindo do pressuposto de que “tudo está interligado”, a abordagem integral demanda que se contemple as dimensões ambiental, humana, social, econômica e cultural. Ou seja, uma transformação completa e profunda que articule diferentes perspectivas da vida em sociedade, sob a ótica socioambiental, na qual seres humanos e natureza coexistam plenamente. (*A Igreja no Brasil, com o Papa Francisco, no Pacto Educativo Global*, p. 21, 2021)

A crise ambiental que nos assola enquanto comunidade global esboça a grande dificuldade de processos relacionais em que fica evidenciado o individualismo ou a desenfreada busca da satisfação de interesses próprios ou de pequenos grupos. A relação da pessoa humana com o meio ambiente, com os bens de consumo e consigo mesma se mostra desordenada e desencadeia um cenário de degradação que expõe uma ferida profunda, perigosa e irreversível, dada a intensidade de uma postura antiética frente à interação com a realidade socioambiental. Aqui se desvela a contramão de uma ética para a alteridade. Para

não nos equivocarmos nesta direção, é urgente repensarmos posturas e atitudes, como nos provoca o *Instrumentum Laboris* do Pacto Educativo global.

A busca de uma renovação do compromisso educativo da interioridade e da identidade, cada vez mais atingidas pelo mundo globalizado e digital, questiona-se que não se rompa o vínculo com o mais amplo horizonte social, cultural e ambiental no qual essa está inserida. O ser humano e natureza devem ser pensados na sua interdependência, porque «o ambiente humano e o ambiente natural degradam-se juntos, e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestamos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social». (Pacto Educativo Global, *Instrumentum Laboris*, p. 9 e 10, 2021)

Afetados por este drama que nos toca a todos e na esteira de nosso serviço pastoral que representa articulação para expressar cuidado em todas as dimensões que abarcam a pessoa humana, buscamos em nosso fazer pedagógico-pastoral, na elaboração dos planos e projetos a serem desenvolvidos para e com os destinatários de nosso trabalho, a ênfase na reflexão e construção de conhecimento que fomentem olhar crítico e desejo compassivo de encarnação no engajamento ao projeto comum de fraternidade. A formação para o bem mais universal iluminado pelos princípios e valores do Evangelho é mediação robusta para provocar e implicar cada pessoa na dinâmica de um protagonismo que se mostra diferente, justamente, pela capacidade de inserção solidária nos meios em que atua.

Os valores humanizadores são percebidos e assumidos no momento em que optamos por relacionamentos solidários, nos quais o respeito mútuo e a compreensão mútua constituem ingredientes fundamentais seja na família, na escola ou na sociedade. Optar por formar a pessoa significa optar pela cultura do encontro no qual olhar o outro humano é também encontrar o rastro do Outro. No encontro genuíno entre pessoas humanas, experimentamos a necessidade de conviver bem, de dar e receber ajuda, de escutar e ser escutados, de amar e ser amados. (A Igreja no Brasil, com o Papa Francisco, no Pacto Educativo Global, p. 18, 2021)

O que expomos até o momento, são objetos candentes que perpassam os processos construtivos e avaliativos dos serviços pastorais escolares. Diante dos inúmeros desafios que os tempos presentes nos apresentam, não resulta simples e fácil o trabalho pastoral junto aos estudantes. É, justamente, nesta atitude de cuidado, que há de se expressar num modo atencioso, acolhedor e humanizado na promoção de encontro com o outro, que a linguagem e a ação comunicativas ganham força de interlocução. O afeto se reveste da força motriz a gerar movimentos que impulsionam a pessoa a um caminho de progressão e elaboração de projetos pessoais e interpessoais afirmativos.

## 8 Considerações finais

Nos últimos tempos, muito se tem falado em cultura do cuidado. Muitos discursos têm engrossado o coro da importância de um novo exercício sobre a vida social que potencialize a conjugação do verbo “cuidar”. Uma importante encíclica do Papa Francisco, em 2021, convidou todas as pessoas de boa vontade a uma profunda reflexão sobre a fraternidade e amizade social, sinalizando para “*um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço*” (Fratelli Tutti, 2020). A elaboração desta encíclica, segundo o próprio Francisco, se deu quando irrompeu no mundo a pandemia de covid-19 que desestabilizou e revelou as fragilidades de uma sociedade que parecia tão segura, obrigando todos à dinâmica do cuidado, ainda que compulsório, para evitar males maiores. Ainda que todas as ações não tenham evitado a morte de milhares de pessoas, o caos provocado pela pandemia gerou um grande movimento de resignificação da vida humana, ou deveria ter gerado.

Entre angústias, perplexidade, lágrimas, dores, resiliência, lutas e lutos, a pandemia, numa escala macro e situações como a do estudante e seu processo de internação/ óbito, que narrei no início deste trabalho, em contextos que nos atravessam no cotidiano escolar, contribuem para relemos a compreensão sobre a vida humana e sua dimensão relacional. Nesta direção, urge através do que nos cabe como educadores, formar para a ética da alteridade, apoiados na perspectiva de Levinas, conforme foi possível refletir neste estudo. Trata-se do cuidado traduzido em concretude, extrapolando discursos ou retóricas vazias. “*A alteridade é uma abertura que desafia o sujeito a responder em cada situação aos apelos concretos do outro*”. (RUIZ, 2010)

Nesta perspectiva, esta consciência e conseqüente comprometimento com a ética da alteridade devem ser traços consonantes com os direcionadores pedagógicos que nos sustentam, de modo que todo o time de colaboradores esteja impregnado deste espírito de abertura ao outro, com verdadeiro sentido de pertença e da participação em um projeto comum. Isto evidencia a relevância da formação, valorização e investimento no setor de pastoral e formação cristã dos colégios jesuítas, de tal modo que atuem como apóstolos do cuidado e arautos permanentes que não permitam ao corpo institucional distrair-se ou desviar-se dos objetivos e fins

da educação que propomos. Neste sentido, é importante um olhar ousado e amplo para o horizonte da missão, tendo claro o público destinatário de nosso serviço que extrapola o alunado, certos de que, entre os que compõem a comunidade educativa, *“todos são colaboradores e destinatários do trabalho educativo, estão imbuídos dos mesmos princípios e ideal educativo, e tentam, pela acolhida e compromisso entre si, desenhar a nova sociedade que se quer construir”*, conforme afirma Klein quando fala da Pedagogia Inaciana (2014). Daí decorre a importância de um trabalho de pastoral escolar que exerça um apostolado do cuidado sobre esta grande comunidade educativa que se estabelece no escopo de nossa missão, composta por antigos alunos, colaboradores e famílias, além dos alunos, centro de nosso currículo. Serviço este que se revela como propulsor do exercício ético da alteridade. Trata-se, pois, de uma tarefa desafiadora que exige articulação, recursos de pessoas e investimento para a missão e uma ênfase pastoral sobre a realidade local.

Outro aspecto relevante é a perspectiva dos colégios jesuítas como espaços para a *“cura personalis”* e *“cura apostólica”*<sup>5</sup>, cuidado e acompanhamento pessoal e comunitário, temas caros e distintivos para as comunidades inacianas e que, no contexto de sociedade em que vivemos, com todos os dramas do tempo presente, tornam-se indispensáveis para colaborar no serviço de acompanhamento e discernimento com vistas para a efetiva e afetiva ajuda no crescimento pessoal e de comunidade daqueles que nos estão confiados e que partilham conosco a missão. Isto evidencia os espaços pastorais como potencial lugar de escuta e construção mútuas.

Mais um caminho importante para a edificação da ética da alteridade é lançar mão de referenciais que evidenciam e impulsionam a formação para fomentar valores humanísticos e que forjam uma educação para a cidadania global, fazendo-os incidir no fazer pedagógico, na parceria entre Pastoral e Acadêmico, motivando a

---

<sup>5</sup> As expressões *cura personalis* e *cura apostolica*, relativamente recentes na tradição da Companhia de Jesus, referem-se a uma experiência que atravessa toda a vida de Santo Inácio e à qual ele se refere como cuidado. Toda a sua existência é vista sob esta perspectiva e se reflete na Autobiografia, nos Exercícios Espirituais e nas Constituições da Companhia de Jesus. (Fonte: [www.jesuits.global](http://www.jesuits.global))

responsabilização e o compromisso com o todo, numa expressão de cuidado pessoal e comunitário, capaz de construir uma “*cultura para a alteridade*”.

Convido à esperança que nos fala duma realidade que está enraizada no mais fundo do ser humano, independentemente das circunstâncias concretas e dos condicionamentos históricos em que vive. Fala-nos duma sede, duma aspiração, dum anseio de plenitude, de vida bem-sucedida, de querer agarrar o que é grande, o que enche o coração e eleva o espírito para coisas grandes, como a verdade, a bondade e a beleza, a justiça e o amor. (FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*, n. 55, 2020)

O itinerário percorrido neste trabalho, permeado com as experiências, afetações e vivências cotidianas que me atravessam no exercício da minha atividade pastoral, reforçou ainda mais minha esperança na potência que reside na tarefa vivificante da construção do saber como grande laboratório para experimentações e consequente produção de processos transformadores. A dinâmica da vida tão intensa e mobilizadora, dada a nossa capacidade de afetar e ser afetados nos coloca diante da novidade diária de fazer, a partir do encontro com as pessoas, grande oportunidade para reconhecer-nos responsáveis uns pelos outros, em vista do bem comum e mais universal.

## REFERÊNCIAS

ANEC. A Igreja no Brasil, com o Papa Francisco, no Pacto educativo Global, 2021. Disponível em: <https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Pacto-Global-Orientacoes-Gerais.pdf>. Acessado em: 16/10/2023

ANEC. Pacto Educativo Global Instrumentum Laboris, 2021. Disponível em: <https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/02/instrumentum-laboris-pt.pdf>. Acessado em: 16/10/2023.

ANJOS, Márcio; ITOZ, Sonia; JUNQUEIRA, Sérgio. **Pastoral Escolar: práticas e provocações**. São Paulo: Editora Santuário, 2015.

BARROS, Marcos. **Não deixe cair a profecia: a herança de Dom Helder Câmara para a humanidade do século XXI**. Pernambuco: Cepe Editora, 2022.

CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS. São Paulo, Edições Loyola, 1986.

CEPAL. **A Companhia de Jesus e o direito universal a uma educação de qualidade**. São Paulo, Edições Loyola, 2019.

CHACON, Daniel Ribeiro de Almeida. **Dez lições sobre Paulo Freire**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023.

COLÉGIO SANTO INÁCIO. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.santoinacio-rio.com.br/storage/arquivos/informa%C3%A7%C3%B5es-gerais/KF9qBhvpRaJ8tOHTti9q9zXErGS5arQf2vvrxnKa.pdf>. Acessado em: 16/10/2023.

COLÉGIOS JESUÍTAS, UMA TRADIÇÃO VIVA NO SÉCULO XXI: UM EXERCÍCIO CONTÍNUO DE DISCERNIMENTO. Versão brasileira desenvolvida pela Rede Jesuíta de Educação Básica. São Paulo, Edições Loyola, 2019.

EMMANUEL LEVINAS – Biografia. Revista IHU on-line, Ed. 277, 2008. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2223-biografia-5#:~:text=Filosoficamente%2C%20L%C3%A9vinas%20percebe%20que%20o,se%20como%20discurso%20de%20domina%C3%A7%C3%A3o>. Acessado em: 20/09/2023.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**. São Paulo; Ed. Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si**. São Paulo; Ed. Paulinas, 2015.

GIACOIA, Oswaldo. **O Poder dos Afetos em Spinoza**, Youtube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uzewsSYJiVc>. Acessado em: 16/10/2023.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; LEAL, Valéria Andrade; RIAL, Gregory. **Compêndio de Pastoral Escolar para a Educação Básica na Escola Católica**. Brasília-DF: Edições CNBB, 2021.

KLEIN, Luiz Fernando. **A pedagogia inaciana e sua força impulsionadora: os Exercícios Espirituais**. Centro Virtual de Pedagogia Inaciana, CEPAL. 2014. Disponível em: <https://pedagogiaignaciana.com/biblioteca-digital/biblioteca-general?view=file&id=497:a-pedagogia-inaciana-e-a-sua-forca-impulsionadora-os-exercicios-espirituais&catid=8>. Acessado em: 18/09/2023.

KLEIN, Luiz Fernando (org.). **Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

KLEIN, Luiz Fernando. **Educação Jesuíta: tradição e atualização**. Colección CEPAL, 2020. Disponível em: <https://www.flacsi.net/wp-content/uploads/2020/09/Klein-L.F.-2020-Educaci%C3%B3n-jesuita-Libro-en-portugu%C3%A9s.pdf>. Acessado em 15/08/2023.

MORIN, Edgard. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/setesaberes.pdf>. Acessado em: 29/10/2023.

NARBONA, Rafael. **Emmanuel Levinas: a pegada infinita**. Instituto Humanitas Unisinos, Revista on-line, 12/08/2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/601776-emmanuel-levinas-a-pegada-infinita>. Acesso em: 30/09/2023.

NASCIMENTO, Carlos Eduardo. **Breves comentários sobre o artigo "O apelo ético do Rosto humano em Emmanuel Levinas"**, Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jrAV-TSA1Fc&t=269s>. Acessado em: 15/08/2023.

PEDAGOGIA INACIANA: UMA PROPOSTA PRÁTICA: 7 ed. São Paulo, Edições Loyola, 2009.

PROJETO EDUCATIVO COMUM DA REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO BÁSICA: 2021-2025. 1 ed. São Paulo, Rede Jesuíta de Educação, 2021.

RUIZ, Castor. **Alteridade, dimensão primeira do sujeito**. Instituto Humanitas Unisinos, Revista on-line, 21/06/2010. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3330-castor-ruiz-1#:~:text=pela%20sua%20natureza.-,Para%20L%C3%A9vinas%2C%20a%20dimens%C3%A3o%20primeira%20do%20sujeito%20%C3%A9%20sua%20abertura,esp%C3%A9cie%20viva%2C%20mas%20n%C3%A3o%20humanos>. Acessado em: 01/09/2023.

SÁ, Geraldo Mateus de. **A invenção e reinvenção: fluência e confluência entre Michel Serres e Paulo Freire**. Educação em Revista, v.19, n.2, 2018. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/5364>. Acessado em: 15/08/2023.

SILVA, César Augusto Tovar. **Os jesuítas e o Rio de Janeiro: a saga dos jesuítas na construção da história do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2015.

SILVA, Franklin Leopoldo e. Café filosófico, **A ética necessária: responsabilidade e solidariedade**, Youtube, 2018. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=dFRMFAgBLpQ&t=1416s>. Acessado em: 16/10/2023.

SUSIN, Luiz Carlos. **Alteridade: um a priori de carne e osso**. Instituto Humanitas Unisinos, Revista on-line, Ed.277, 14/10/2008. Disponível em

<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2225-luiz-carlos-susin-4>. Acessado em 16/10/2023.